

Contextos de (in)formalidade – os artigos indefinidos nas crónicas e nos *chats*

Cláudia Alexandra Moreira da Silva

Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Centro de Linguística da Universidade do Porto

Abstract

The aim of this study was to compare the use of indefinite articles in an informal type of writing occurring in the context of chats and a more formal writing present in chronicles. We have carried out a corpora study which led to the following conclusions: i) the number of indefinite articles is more reduced in chats, in which there is a tendency to suppress noun phrases or the article and to eliminate superfluous information; ii) although the non-specific and existential readings of the indefinite article prevail in both types of writing, the employment of strategies towards economy is present in *chats*.

Keywords: indefinite article, chats, chronicle, informality.

Palavras-chave: artigo indefinido, *chats* (escrita telemática síncrona), crónica, informalidade.

1. Introdução

Este trabalho visa comparar o uso de artigos indefinidos em dois tipos de escrita distintos: um tipo de escrita mais informal, associado ao registo oral (a escrita telemática síncrona, *i.e.*, a escrita realizada em programas de conversação em directo nos *chats* da Internet) e um tipo de escrita mais formal (a crónica, inserida no género jornalístico).

A hipótese deste estudo reside na possibilidade de a informalidade da escrita dos *chats* influir na forma como os artigos são usados neste género textual, na medida em que o facto de este contexto associar a rapidez da troca conversacional à lentidão da escrita vai exigir a necessidade de abreviação da grafia. Assim, considera-se que esta escrita se poderá revelar mais elíptica do que a escrita usada nas crónicas, sendo talvez as classes morfológicas funcionais (como os artigos) as primeiras a serem alvo de elisão.

Além disso, tendo em conta que os indefinidos são usados para veicular diferentes leituras, das quais se destaca a leitura existencial não específica, reveste-se de interesse verificar se o mesmo tipo de leitura predomina nos dois contextos.

Procurar-se-á, então, dar resposta às seguintes questões:

- O contexto (mais formal ou informal) vai condicionar o número de artigos usados e os tipos de leitura veiculados pelos indefinidos?
- Um contexto que visa a economia da escrita vai encontrar formas de evitar o uso de artigos ou de os usar com estratégias que impliquem menor esforço?
- Predomina a leitura existencial não específica, típica dos indefinidos, nos dois tipos de texto?

2. Enquadramento teórico

2.1. Os determinantes

Os determinantes formam com o nome que precedem uma expressão referencial (Brito¹, 2003: 345). De acordo com Laca (1999: 894), os nomes comuns são considerados, do ponto de vista semântico, predicados que denotam classes de indivíduos, tipos de matéria ou ainda classes de grupos de indivíduos. Numa língua com artigos, como é o caso do espanhol, de que trata a autora, bem como o português, alvo do nosso estudo, os substantivos necessitam dos determinantes para serem usados com sentido referencial.

Dentro dos determinantes, abordámos o caso dos determinantes artigos definidos e indefinidos, embora nos tenhamos debruçado, posteriormente, sobre os últimos.

2.2. Os determinantes artigos definidos e indefinidos

Tradicionalmente, diz-se que um artigo é classificado como definido ou indefinido dependendo da sua capacidade de generalizar ou particularizar o sentido do nome com que se relaciona. Contudo, nem sempre o definido é usado para generalizar, como é o caso de “O livro que comprei era de Linguística.”, nem o indefinido para particularizar, como se pode comprovar pelo exemplo “Um gato é um felino”.

Por outro lado, afirma-se que é definido o que é determinado e identificável, sendo indefinido o que não é determinado. O artigo definido introduz um objecto único, localizável e identificável, isolado de todos os outros, enquanto o indefinido marca um objecto entre os outros. No entanto, podemos usar o indefinido com algo determinado. Ao

¹ Brito (2003: 345), entre outros autores, considerando os determinantes e quantificadores como núcleos funcionais, defende que uma expressão nominal referencial pode ser descrita pela categoria sintagma determinante (SD) ou, quando se justifique, pela categoria sintagma quantificador (SQ). A parte lexical, constituída pelo nome e complementos do nome, deve ser designada por sintagma nominal (SN).

afirmar-se “Comprei um vestido.”, é possível localizar e determinar o objecto a que nos referimos. Em contrapartida, ao dizer-se “Como é o vestido que queres comprar?”, embora utilizemos o artigo definido, não existe referência a um vestido específico e único.

Além disso, é tradicional defender-se que o artigo indefinido se usa para apresentar um indivíduo ainda não conhecido do ouvinte ou do leitor, sendo depois usado o artigo definido para referir esse indivíduo. Na mesma linha, Corblin (1987: 36-40) considera que o indefinido inaugura cadeias anafóricas. Assim, veja-se o exemplo (1):

(1) Um homem saiu do carro. Um homem tirou uma pistola.

A interpretação que se efectua é a da existência de dois homens. Se fosse usada a expressão definida “o homem” na segunda frase, a interpretação remeteria para a existência de um só homem, cuja referência estaria a ser retomada.

2.3. Os artigos indefinidos

2.3.1. O artigo indefinido e comparação com outros numerais

O artigo indefinido provém do numeral latino “unus”, que exprime a unidade. Na perspectiva de Bolinger (1980: 1), o artigo indefinido, devido à sua origem numérica, faz a pessoa ou objecto salientar-se de uma classe, tornando-o claramente uma entidade individual.

Pode afirmar-se que, fundamentalmente, um indefinido se interpreta como extracção sobre uma classe de n valores individuais, sendo cada extracção estritamente independente de outra realizada (Corblin, 1987: 41-42; 78).

Contrariamente aos indefinidos numerais, “Um N ” não possui sempre valor de número², não se podendo opor, nesses casos, aos outros numerais. Contudo, há enunciados que inscrevem “um” na série dos números, de acordo com Corblin (1987:62-63), podendo combinar-se com “só”.

(2) Um professor para trinta alunos não é suficiente. (Só um professor)

2.3.2. Tipos de leitura dos indefinidos

Os indefinidos poderão veicular diferentes tipos de leitura, que passamos a enunciar.

² É por isso que se afirma que os artigos indefinidos têm geralmente leitura fraca não quantificacional. Estes, contrariamente aos SNs quantificacionais e definidos, podem surgir nas expressões existenciais com o verbo “haver” (Dobrovie-Sorin & Beyssade, 2004). Milsark (1977) admite que os indefinidos possam adquirir uma leitura forte quando possuem uma leitura específica.

2.3.2.1. Leitura específica e não específica

Para Duarte & Oliveira (2003: 224), as proposições seguintes possuem leituras distintas.

(3) Comprei um disco do Reggiani.

(4) Quero viver numa casa com sótão.

Nos dois casos, o interlocutor não conhece qual, de todas as entidades singulares do conjunto, é aquela a que o discurso se refere. Contudo, a diferença entre os exemplos reside no facto de, no primeiro caso, existir um referente (havendo, por conseguinte, uma leitura específica), enquanto o segundo não estabelece nenhum referente (leitura não específica).

A leitura não específica surge preferencialmente com verbos criadores de mundos possíveis (como “desejar” ou “querer”) e verbos modais (como “dever”, “ter de”). Já a leitura específica é requerida por verbos que podem ser usados factivamente (como “compreender”, “lamentar”) e verbos de percepção, entre outros casos (Duarte & Oliveira, 2003: 226-227). A leitura específica poderá ser parafraseada por “um certo” (o SN até pode ser substituído pelo nome, no caso de uma pessoa), enquanto na não específica o indefinido pode ser substituído pela expressão “um qualquer” (Vogué, 2006: 265-269).³ Mesmo no tipo de leitura não específica se considera que há uma pressuposição de existência (Oliveira, 1996: 354), o que se liga à leitura existencial, típica do indefinido.

2.3.2.2. Leitura existencial

A leitura existencial ou fraca prende-se com a possibilidade de os indefinidos surgirem num contexto com o verbo “haver” (Dobrovie-Sorin & Beyssade, 2004: 98; Zuber, 2006: 553). Com efeito, as construções de existência autorizam o emprego de SN indefinidos, mas são incompatíveis com SN quantitativos e definidos, o que se pode observar nos exemplos:

(5) Há uns rapazes. (*Há todos os rapazes. *Há os rapazes.)

Assim, o indefinido pode permitir afirmar a existência, não necessariamente única, de um membro de dada classe a que determinada propriedade convém (Oliveira, 1987: 127).

³ Na perspectiva de Corblin (1987: 28), uma forma de verificar a existência de uma interpretação específica é a possibilidade de haver identificação através de um designador destacado, como no exemplo “Um homem chegou – o teu irmão”.

2.3.2.3. Leitura genérica⁴

Ao afirmarmos que “um pardal é uma ave”, depreendemos que “todos os pardais são aves”. Contudo, esta universalidade é dada de um modo próprio, através de uma leitura distributiva – para cada pardal, deve verificar-se se é verdade “ser uma ave”. Por conseguinte, atribui-se uma propriedade distributivamente a todo o elemento do conjunto “ave” (Duarte & Oliveira, 2003: 231-232). Bolinger (1980: 25) sugere que, quando se usa o artigo indefinido numa frase genérica (como em “A beaver builds a dam”), o artigo indefinido é usado para representar a espécie através da sinédoque, invocando-se a parte pelo todo, ou seja, um representante da espécie por toda a espécie.

Corblin (1987: 48), numa revisão da bibliografia, refere que o indefinido genérico só evidencia a espécie a partir do individual, não sendo comparável à quantificação universal.⁵ Na leitura genérica, há a reiteração da extracção, percorrendo-se toda a classe de indivíduos para verificar a variável (Corblin, 1989). Expressa-se uma regularidade por oposição a uma simples ocorrência (Oliveira, 1996: 355).

É o contexto que é responsável pela leitura genérica, havendo maiores restrições para o indefinido com leitura genérica do que para o definido. Assim, “Um N” com leitura genérica surge, geralmente, em posição temática e não pode ocorrer com predicados ditos “colectivos”, como “abundar, proliferar”, nem com predicados de evento (Oliveira, 1996: 355). Com efeito, nesses casos, remeteriam para uma ocorrência particular ou para subespécies, como se pode ver pelos exemplos de Oliveira (1996: 354):

(6) Chegou um convidado: O João.

(7) Nesta floresta cresce um cogumelo: o “chanterelle”.

No âmbito das frases genéricas, podem ainda ser identificadas as frases caracterizadoras. Estas exprimem generalizações sobre os indivíduos, conjuntos de indivíduos ou espécies, surgindo no Presente do Indicativo e podendo ocorrer com “geralmente” (Oliveira, 2003: 145; 170; 234-235).⁶

(8) Um cão é geralmente inteligente.

⁴ Para Dobrovie-Sorin & Beyssade (2004: 33), a leitura genérica surge a par da leitura específica e não específica. Contudo, para Corblin (1987: 47) e Martin (2006), esta não é mais do que um tipo de interpretação não específica.

⁵ Com efeito, posso dizer: “Uma sociedade repousa sobre valores mas nem todas as sociedades repousam sobre valores”. Enquanto a quantificação universal impõe que se percorra exaustivamente uma classe para verificar o predicado, o indefinido comporta uma parte de incerteza.

⁶ No estudo de *corpora*, uma das categorias sob análise abrange a leitura genérica/ caracterizadora, não tendo sido realizadas distinções entre ocorrências de uma ou de outra.

2.3.2.4. Leitura partitiva

Nas expressões partitivas (nomeadamente “uma das praias da costa alentejana”), o uso do indefinido permite extrair uma parte singular, não definida, de um conjunto definido (Duarte & Oliveira, 2003: 227). Adquire uma leitura forte quantificacional, por ter uma leitura específica.⁷

2.3.2.5. Artigo com nomes massivos

Com nomes massivos, e em posição que não inclua a de sujeito pré-verbal, ocorre a ausência de artigo (o que também se denomina por “artigo nulo”, “nomes desnudados”, “nomes simples” ou “bare nouns”). Quando usado com este tipo de nomes, o artigo indefinido individualiza num sentido muito específico, ou seja, converte o nome de massivo para contável (*cf.*, a título de exemplo, Bolinger, 1980: 3), tendo por base uma medida estandardizada (um café) ou um tipo ou qualidade de uma dada substância (um vinho excelente).

Depois de analisarmos os tipos de leitura que os indefinidos podem veicular, coloca-se a questão: Será que o uso de artigos é divergente em textos que se distinguem pelo seu grau de formalidade: a crónica, mais formal e os *chats*, contexto geralmente pautado pela informalidade?

2.3. Contextos de informalidade: a crónica e a escrita dos *chats* ou escrita telemática síncrona (ETS)

2.3.1 A crónica

A crónica é um texto destinado a descrever uma situação ligada ao tempo em que se insere. Este tipo de texto, embora pertencendo ao género jornalístico, é frequentemente associado a um registo formal, salientando-se o “seu carácter híbrido de jornalismo e literatura” (Gomes, 2004: 1). Enquanto texto escrito formal, passa pelas três fases geralmente associadas ao processo de escrita: planeamento, redacção e revisão.

⁷ Relembramos, ainda, os tipos de leitura “distributiva” e “colectiva”. A frase “Dois homens propuseram um teorema” possui uma ambiguidade: cada um dos indivíduos propôs um teorema, daí resultando dois teoremas (leitura distributiva) ou os dois indivíduos, unindo os seus esforços, propuseram um só teorema (leitura colectiva). Assim, na leitura distributiva, há um conjunto de processos distintos, enquanto na colectiva há um processo realizado por um conjunto de *n* indivíduos (Corblin, 1987: 52). Como estes tipos de leitura não ocorreram no nosso *corpus*, optámos por não os incluir na descrição deste estudo.

2.3.2 A escrita telemática síncrona (ETS)

A escrita telemática síncrona possibilita uma interacção e *feedback* rápidos, embora seja comunicação escrita (Mann & Stewart, 2000: 181). Assim, esbatem-se as fronteiras entre o escrito e o oral (Mondada, 1999: 6; Mann & Stewart, 2000: 182; Crystal, 2004: 79).

O discurso oral possui características muito próprias, encontrando-se a redução frásica entre elas; esta consiste na não produção de elementos linguísticos, deixando a valência da frase reduzida e incompleta, muitas vezes desprovida do próprio verbo (Rodrigues, 2007: 190).⁸

Na verdade, por causa da rapidez da interacção e da urgência do directo, é necessário que os utilizadores recorram a estratégias que aproximem a escrita da velocidade da oralidade. Assim, é usado um número mínimo de palavras para comunicar (Mann & Stewart, 2000: 187) e efectuam-se reduções e simplificações (Mondada, 1999: 6), criando-se um discurso caracterizado pela informalidade e coloquialidade (Araújo, 2004: 1285; Sáez, 2007: 22).

A nível temático, verifica-se que os participantes dos *chats* não aprofundam os temas da interacção (Palmiere, 2005: 506), existindo mudanças rápidas no tópico de conversação (Mann & Stewart, 2000: 188).

Para verificar se as especificidades destes textos vão influenciar o uso de artigos indefinidos, realizou-se um estudo de *corpora* com base em crónicas e em conversas de *chat*, de cuja descrição nos ocuparemos de seguida.

3. Estudo de *corpora*

3.1. Metodologia

Inicialmente, foi feita a recolha do material para análise, ou seja, amostras dos dois tipos de texto que nos propusemos analisar. Assim, foram recolhidas crónicas na Internet (no motor de pesquisa “Google”), que foram guardadas num ficheiro do Word, tendo-se contado o número total de palavras pelo recurso ao comando “Contar Palavras” do menu “Ferramentas”. Seleccionaram-se cinco crónicas, num total de 2716 palavras, com temas diversos e de diferentes autores. Do mesmo modo, foram recolhidas duas sessões de um programa de *chats* da Internet, denominado “Bláblá”, e disponível em “<http://bla.aeiou>”.

⁸ O discurso oral pode ser representado, num texto escrito, por uma sequência de tipo de discurso interactivo/ dialogal. Este caracteriza-se pela presença de anáforas pronominais em detrimento das nominais, bem como densidade verbal elevada e densidade sintagmática (determinante e nome) fraca (Bronckart, 1996: 172), entre outras características.

pt’’. Foram gravadas em ficheiros do Word, e o número de palavras foi alcançado de forma semelhante, depois de retiradas as informações sobre os *nicknames* dos intervenientes no processo de interação. O total de palavras encontrado foi de 2711 palavras. As sessões provinham de duas salas distintas (Jardim e Escola), com o intuito de encontrar diferentes utilizadores. Apesar de o anonimato assegurado pelas regras dos programas de *chat* não nos permitir ter um conhecimento exacto sobre as idades dos utilizadores das duas salas, pensa-se, devido aos temas da conversa e aos *nicknames* escolhidos, que os utilizadores da sala Jardim eram adultos, enquanto os da sala Escola eram jovens.

Posteriormente, procedeu-se à contagem dos artigos definidos e indefinidos em Sintagmas Nominais, tendo-se excluído os Sintagmas Preposicionais. No que se refere aos indefinidos encontrados, fez-se uma divisão das suas ocorrências de acordo com os tipos de leitura aí presentes: leitura existencial ou genérica/caracterizadora, específica ou não específica, partitiva, de cardinalidade e de acordo com a sua possibilidade de ocorrência com nomes não contáveis, tendo-se ainda criado uma categoria em que se inseriam os casos não pertencentes a nenhuma das anteriores. As frases que fizeram parte da leitura existencial foram ainda subdivididas em leitura específica e não específica (a leitura genérica foi sempre considerada não específica, seguindo a posição de Corblin, 1987), ou ainda de acordo com a sua possibilidade de ocorrência com nomes não contáveis. Quando faziam parte de outras interpretações, não foram subdivididas.

3.2. Descrição dos resultados

Apresentam-se, inicialmente, os resultados respeitantes à contagem do número de artigos definidos e indefinidos nos dois tipos de texto – nas crónicas e na escrita dos *chats*. Estes são apresentados no seu resultado bruto, sendo posteriormente mostrada a percentagem referente aos totais.

Nome	N.º de palavras	N.º de artigos definidos	N.º de artigos indefinidos
Crónica 1	277	17	4
Crónica 2	377	30	5
Crónica 3	905	87	13
Crónica 4	614	34	13
Crónica 5	543	20	10
Total	2716	188	45
Total - %	100%	6,9%	1,6%
ETS – sessão 1	1381	8	2
ETS – sessão 2	1330	22	14
Total	2711	30	16
Total - %	100%	1,1%	0,5%

Tabela 1 – Número de artigos definidos e indefinidos nas crónicas e nos *chats*

Depois de obtidos estes resultados, debruçamo-nos sobre os artigos indefinidos, tendo analisado o tipo de leitura que veiculavam. De acordo com o seu uso, estes foram, assim, divididos nos tipos de leitura seguintes:

1 - existencial – tipo de leitura em que se assere ou pressupõe a existência de um indivíduo, podendo a expressão indefinida ocorrer num contexto com verbo “haver”.

Exemplos: “Num qualquer *blogger* existe e vegeta um colunista ambicioso ou um mero espírito ocioso” (crónica); “O Ventura também tem uma casa nova” (crónica); “a objectividade (...) tomou um lado” (ETS)

2 - genérica/ caracterizadora – uso do indefinido para expressar uma regularidade. Os casos que foram encontrados neste *corpus* possuem uma leitura genérica/ caracterizadora devido às características presentes em toda a frase, não se devendo somente ao indefinido, o qual apenas surgiu em posição predicativa. Um teste que foi usado para o reconhecimento deste tipo de leitura foi a possibilidade de admissão do advérbio “geralmente” na frase.

Exemplos: “A blogosfera é um saco de gatos” (crónica); “O casamento é uma instituição milenar”⁹ (crónica); “e passear é um obie” (E passear é um hobby) (ETS)

3 - específica – fazem parte desta categoria os exemplos de leitura existencial em que há um referente determinado, um ser do mundo único a que se está a fazer referência, “um certo” indivíduo. Tomou-se em atenção o uso do modo Indicativo e a existência de modificadores, na medida em que favorecem a leitura específica.

Exemplos: “Há um espacinho para ridicularizar a lenda negra do “Não têm pão? Comam bolo!” (crónica); “A Vanda tem um quarto novo” (crónica); “O cinema de Pedro Costa tem uma coerência, uma coesão, uma ideia orientadora e uma devoção (...) marcadamente únicas (crónica); “tenho uma reclamação” (ETS)

4 - não específica – prende-se com o facto de o SN indefinido não estabelecer nenhum referente determinado, tratando-se de “um qualquer” indivíduo. Tomou-se em atenção os contextos que favorecem este tipo de leitura: ocorrência com verbos criadores de mundos, com o futuro, condicional ou imperativo ou ainda o surgimento em perguntas.

Exemplos: “O leitor já viu uma porca que pariu uma ninhada maior do que o seu número de tetas?” (crónica); “pressionada para ter um herdeiro (cónica); “nem um comentariozito” (ETS)

⁹ Este exemplo, contudo, já não admitiria a presença do advérbio “geralmente”, talvez por se referir a uma realidade que não admite qualquer excepção.

5 - partitiva – inclui exemplos em que o indefinido extrai uma parte singular de um conjunto.

Exemplo: “pertencço a uma das últimas gerações” (crónica)

6 - ocorrência com nomes não contáveis – uso do indefinido com nomes tipicamente não contáveis, havendo uma recategorização destes em nomes contáveis.

Exemplos: “Com a morte do café literário morre uma literatura” (um tipo de literatura) (crónica); “já tomei uma agua das pedras” (para “já tomei uma água das pedras” – uma quantidade padronizada) (ETS)

7 - de cardinalidade – relaciona-se com a possibilidade de inscrição de “um” na série dos numerais. Um teste consiste na possibilidade de ocorrência com “só”.

Exemplo: “1 mim” (minuto) (ETS)

8 - outros – nesta categoria incluem-se:

- estratégias de economia de esforço: 1, 1a (ETS)

- erro de concordância – um bica (ETS)

- leitura do indefinido como um designador rígido¹⁰ – “Olá, uma amiga” em que o *nickname* é “uma amiga 5” (ETS)

Eis os resultados obtidos no que se refere ao tipo de leitura veiculado pelos indefinidos (em percentagem):

	1. Exist.	2. Gen.	3. Espec.	4. Não esp.	5. Part.	6. Não cont.	7. Card.	8. Outr.
Crón.	80%	8%	24%	78%	2%	2%	0%	0%
ETS	75%	13%	31%	56%	0%	6%	6%	25%

Tabela 2 – Resultados respeitantes aos tipos de leitura dos indefinidos

3.3. Discussão dos resultados

A análise efectuada prende-se com os dados obtidos neste estudo. Por conseguinte, qualquer conclusão daqui extraída deve ser encarada à luz destes *corpora* restritos.

Relativamente à frequência do uso de artigos definidos e indefinidos, podemos verificar o predomínio daqueles sobre estes em ambos os tipos de texto. Considera-se

¹⁰ Optou-se por colocar esta expressão em “outros” e não em “leitura específica” porque se considerou que esta permite identificar um ser único no mundo, do mesmo modo que os nomes próprios, não sendo somente um caso de leitura específica, embora em ambos os casos se estabeleça um referente.

que, mesmo havendo necessidade de introdução de informação nova, o predomínio recai, por exemplo, sobre factos conhecidos e entidades cujo conhecimento é partilhado pelos interlocutores (ex.: “os políticos”, “a imprensa”, “a net”). Recai, ainda, sobre conhecimentos que se prendem com um enquadramento socialmente típico (“o festival” no que se refere ao mundo dos prémios de cinema). Por outro lado, há usos em que os definidos fazem parte de uma anáfora associativa (“o protagonista” e “a personagem” em relação a “o novo filme”) ou de uma anáfora fiel (“uma casa – a casa”); estão associados a complementos ou modificadores (“a última crónica que aqui escrevo”, “os jornais de referência”) ou a nomes próprios (“A Vanda”). Com efeito, o definido pode ser usado para remeter para seres já mencionados anteriormente ou, então, que pertençam ao universo de pessoas, factos e acontecimentos do conhecimento geral, estando o denotado no universo de conhecimento dos intervenientes do discurso.

Contudo, verificou-se que o uso de artigos era mais representativo nas crónicas do que na ETS, o que se revela verdadeiramente marcante na sessão cujos utilizadores consideramos pertencer a uma camada mais jovem. Com efeito, só foram contabilizados dois indefinidos nessa sessão, a qual possui sensivelmente metade do total de palavras analisado neste tipo de texto.

Considera-se que, nas crónicas, se usam os artigos (especialmente definidos) para desenvolver os tópicos/temas que estão a ser abordados. O maior grau de formalidade requer maior quantidade de informação e não permite uma constante elisão de SNs ou de partes que o constituem, na medida em que as frases não são normalmente abreviadas. Contrariamente, o registo informal da ETS vai permitir que se evite o uso dos artigos (ex.: “idade?” para “Qual é a tua idade?” ou “nome” para “Qual é o teu nome?”), devido à reduzida dimensão dos enunciados, que requer que se utilize um número mínimo de palavras para veicular uma mensagem. Com semelhanças relativamente ao discurso oral, este tipo de escrita admite facilmente a redução frásica, sendo a informação elidida facilmente acessível e recuperável pelo contexto. Esta redução é causada pela urgência do directo, ou seja, pelo facto de este tipo de comunicação pressupor uma interacção e um *feedback* rápidos. Aliás, o que seria estranho (por sobrecarregar o interlocutor) seria verbalizar toda a informação, quando esta não é social e contextualmente necessária; seria, inclusivamente, contra a regra de brevidade da netiqueta, que rege os programas de *chat*. Além disso, como a interacção se centra sobre o “eu” e o “tu”, surgem muitos pronomes da deixis pessoal, o que evita o uso de SNs, com a consequente ausência de artigos. Também se parece tender a usar pronomes como forma de retoma anafórica em detrimento de expressões nominais, corroborando a literatura sobre o discurso dialogal.

A brevidade das intervenções ainda se torna mais marcante na sessão dos jovens (Sala Escola), como já foi mencionado. O processo de interacção baseia-se em questões usuais para que os interlocutores se possam conhecer, uma vez que este tipo de escrita se pauta pelo envolvimento entre os falantes. Surge um número importante de verbos para a veiculação de conteúdos e também ocorrem pronomes pessoais e interrogativos. Com efeito, para se realizarem as perguntas, predomina o uso de verbos: “és; teclas; tens;

queres; procuras; ‘tás’, por vezes aliados a pronomes interrogativos: “donde és; como és”. Os pronomes pessoais são frequentemente utilizados, muitas vezes acompanhados pela conjunção copulativa, a qual sofre, por vezes, um processo de escrita fonética: “e tu” ou “i tu”. Novamente, este uso justifica-se pela necessidade de colocar perguntas aos interlocutores, forma preferencial de ceder a vez. Também foram vários os numerais usados: “4, 15, 17, 18”, por vezes acompanhados pelo sexo do interveniente, de forma sintética e com ausência de artigo: “18, dama” para “Tenho dezoito anos e sou (uma) rapariga/dama”. Outra palavra usada com muita frequência é “olá”, escrita de diversas formas (nomeadamente com a repetição da vogal final). O recurso a esta palavra prende-se com a necessidade captar a atenção do outro, de o seduzir neste meio multi-utilizador em que todos desejam chamar a atenção dos outros para se envolverem num processo de interacção/comunicação. Advérbios como “sim” ou “não” também surgem num número considerável de vezes, como resposta às perguntas constantemente colocadas.

Devido à necessidade de se desenvolver um tópico, registaram-se, nas crónicas, casos em que os indefinidos iniciavam uma cadeia referencial anafórica (ex.: “O ventura também tem uma casa nova (...) A casa...). A anáfora tem como objectivo assegurar a coesão e coerência do texto, ao contribuir para manter a continuidade do tema, mas podendo acrescentar informação e permitir a progressão textual. Uma vez que a crónica desenvolve um tema do quotidiano, através de um comentário ou de uma reflexão, é necessário que recorra a expressões anafóricas que permitam retomar e desenvolver esse tópico de forma coerente. No entanto, na ETS, a interacção é preferencialmente realizada por meio de perguntas, em que a mudança de tópico é frequente, embora o tema central seja comum, baseando-se na partilha de informações sobre a identidade dos interlocutores. Assim, pareceu-nos muito raro o recurso a cadeias anafóricas do tipo anáfora fiel nesta escrita.

Ainda no que se refere ao desenvolvimento de um tópico em discussão, concluiu-se que as crónicas o desenvolvem com maior pormenor. Por conseguinte, surgem enumerações de expressões indefinidas para esclarecer um determinado assunto ou para enriquecer (ex.: “uma coerência, uma coesão, uma ideia orientadora e uma devoção”). Já na ETS, este tipo de desenvolvimento não sucede, porque se tende a eliminar o acessório, ou seja, toda a informação que possa ser facilmente inferida pelo contexto.¹¹ Além disso, como é uma forma de comunicação em que não existe, geralmente, o recurso à revisão, também poderá haver alguma falta de rigor na interacção.

No que se refere ao tipo de leitura dos indefinidos, pode concluir-se que predomina a leitura existencial nos dois contextos, sobretudo a não específica. De acordo com a literatura, é este o tipo de leitura preferencial dos indefinidos. De facto, possuem uma

¹¹ De acordo com um nosso estudo anterior (Silva, 2006), elimina-se o acessório de várias formas: tanto a nível das sílabas, em que se suprimem constantemente grafemas correspondentes a fonemas em rima, como a nível das convenções da escrita, em que se eliminam hífenes e sinais de pontuação, inclusivamente os pontos de interrogação.

leitura fraca correspondente ao quantificador existencial, podendo ocorrer em contextos com o verbo “haver”, contrariamente aos artigos definidos. Realizam, geralmente, a extracção de um indivíduo dentro de uma classe de indivíduos. Assim, ao dizer-se “tem uma casa”, estamos a afirmar que “há uma casa que ela tem”, ou então, no exemplo “Cada vez que se muda uma prática civilizacional”, o indefinido permite extrair uma prática qualquer, não identificável, do conjunto de práticas civilizacionais.

Contudo, existe um maior uso de leitura não específica nas crónicas do que na ETS. Considera-se que isto se poderá dever ao facto de, neste último tipo de escrita, a comunicação se poder basear em relatos de acontecimentos passados relativos ao locutor, com referentes determinados. Nas crónicas, apesar de se abordar também um tema do quotidiano, fazem-se reflexões, havendo, por conseguinte, um maior recurso a indefinidos não referenciais.

Relativamente aos exemplos em que surgia uma leitura genérica/caracterizadora, verificou-se que o uso do Presente do Indicativo conferia uma leitura de genericidade, parafraseável por “geralmente”. O artigo indefinido não era utilizado, habitualmente com leitura taxonómica (como acontece em posição de sujeito), ocorrendo em posição predicativa. Tal corrobora a literatura, segundo a qual é o definido que é preferencialmente usado para representar uma espécie, apresentando o indefinido maiores restrições quando é usado com valor genérico.

A leitura partitiva permite a extracção de uma entidade de um grupo pré-definido. O seu uso foi raro nas crónicas e inexistente na ETS, talvez por requerer um maior número de palavras. Não é, então, privilegiada esta leitura forte quantificacional nos *corpora* analisados.

No que se refere à recategorização de nomes tipicamente não contáveis em nomes contáveis, o seu uso reflectiu as estratégias usuais: emprego do indefinido para indicar “um tipo de x” ou uma medida padronizada. Foi usado em ambos os contextos de escrita, possibilitando uma maior economia, sem perda de inteligibilidade (ex.: “uma água” para “uma garrafa de água”).

A leitura de cardinalidade surgiu pouco representada na ETS, o que mostra que a asserção de existência de um indivíduo é a leitura privilegiada do indefinido, e não o seu uso enquanto número. Registaram-se ocorrências de “1” como estratégia de economia de esforço, com leitura de cardinalidade, mas também com leitura existencial.

Quanto à categoria “outros”, pode verificar-se que as estratégias usadas de substituição do indefinido pelo cardinal, bem como o erro de concordância, se prendem com a velocidade da escrita exigida por um tipo de comunicação em que não se pode deixar um espaço demasiado grande no ecrã entre as mudanças de vez na interacção. Assim, a coloquialidade e informalidade são favorecidas, em detrimento do planeamento e revisão da escrita.

Quanto ao uso do indefinido no *nickname* (“uma amiga 5”), considera-se que há uma tentativa, por parte do utilizador que o escolheu, de não revelar nenhum aspecto da sua identidade (poderia ter escolhido um nome próprio ou comum sem artigo, como

“gata”), considerando-se uma qualquer amiga. Contudo, esta referência torna-se não só específica como até um designador rígido (um nome próprio neste contexto dos *chats* porque único e referindo um ser único no mundo).

4. Conclusão

Este trabalho visou reflectir sobre a possibilidade de o uso dos artigos, especialmente os indefinidos, ser influenciado pelo tipo de escrita em que ocorre: mais formal, requerendo planeamento e revisão, ou mais informal, apresentando elisões, redução frásica e erros.

O indefinido pode usar-se para asserir a existência de um indivíduo, sendo geralmente caracterizado pela indefinidade (*i.e.*, ausência de indicações para localizar o referente) e pela capacidade de extracção de um elemento de um grupo de elementos. Possui diferentes tipos de leitura, que foram sumariamente abordados.

No estudo de *corpora* realizado, concluiu-se que o menor ou maior grau de formalidade influencia o número de artigos indefinidos utilizados, tendendo este a decrescer com o aumento da informalidade. Considera-se que o menor uso de artigos na ETS se deve à necessidade de economia de esforço devido à urgência do directo, que motivam:

- i) uso de frases/intervenções de tamanho reduzido;
- ii) elisões de SNs ou do artigo;
- iii) preferência pelo uso de pronomes, verbos e numerais;
- iv) tendência para eliminar o acessório;
- v) mudança de tópico constante, evitando o uso de expressões anafóricas nominais.

Embora a leitura mais frequente não seja divergente nos dois tipos de texto, estes podem favorecer certos tipos de leitura ou estratégias. Assim, no nosso *corpus* correspondente à ETS:

- i) privilegiam-se estratégias que permitem economizar tempo e esforço, como o uso do número 1 ou 1a;
- ii) não se privilegia o uso da leitura genérica nem partitiva.

Este estudo permitiu, ainda, criar a possibilidade de questionar o futuro dos artigos num contexto que exija rapidez. Sendo uma classe de palavras funcional, talvez se possa considerar que esta pode ser alvo fácil de elisão quando se torna imperativo comunicar mais rapidamente. No entanto, salientamos que esta elisão ocorre, geralmente, em casos em que se elimina outra informação anteriormente, efectuando-se redução frásica. Além disso, não consideramos que vá extrapolar este contexto nem influenciar o uso dos artigos na sua generalidade.

5. Bibliografia

- Araújo, Júlio César (2004) A organização constelar do gênero chat. In *ANAIS do XX Jornada Nacional de Estudos Lingüísticos*. João Pessoa: Idéia. pp. 1279-1292. Disponível em [http://www.ufpe.br/nehete/artigos/ARAUJO%20\(2004\).pdf](http://www.ufpe.br/nehete/artigos/ARAUJO%20(2004).pdf). [Acedido em 10 de Maio de 2008].
- Bolinger, Dwight (1980) *Syntactic Diffusion and the Indefinite Article*. Indiana: Indiana University Linguistics Club.
- Brito, Ana Maria (2003) Categorias sintáticas. In Maria Helena Mira Mateus, Ana Maria Brito, Inês Duarte & Isabel Hub Faria (eds.) *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa : Caminho, pp. 323-432.
- Bronckart, Jean-Paul (1996) *Activité langagière, textes et discours*. Paris: Delachaux et Niestlé.
- Corblin, Francis (1987) *Indéfini, défini et démonstratif*. Paris: Librairie Droz.
- Corblin, Francis (1989) Sécifique-générique: un modele pour les indéfinis. In *Modèles linguistiques*, XI (2).
- Crystal, David (2004) *The Language Revolution*. Cambridge: Polity Press.
- Dobrovie-Sorin, Carmen & Claire Beyssade (2004) *Définir les Indéfinis*. Paris: CNRS.
- Duarte, Inês & Fátima Oliveira (2003) Referência nominal. In Maria Helena Mira Mateus, Ana Maria Brito, Inês Duarte & Isabel Hub Faria (eds.), *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, pp. 205-242.
- Gomes, Renato Cordeiro (2004) Representações Sociais e a Crônica, seus Suportes e as Malhas do Tempo: do Jornal ao Livro. In *Comunicação, acontecimento e memória - XVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Disponível em <http://repositorio.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/17300/1/R0543-1.pdf>. [Acedido em Janeiro de 2008].
- Laca, Brenda (1999) Presencia y ausencia de determinante. In Ignacio Bosque & Violeta Demonte (eds.) *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Madrid: Espasa, vol. 1, pp. 891-928.
- Mann, Chris & Fiona Stewart (2000) *Internet Communication and Qualitative Research*. London: Sage.
- Martin, Robert (2006) Définir l'indéfinition. In Francis Corblin, Sylvie Ferrando & Lucien Kupferman (dirs) *Indéfini et Prédication*. Paris: PUPS, pp. 11-24.
- Milsark, Gary (1977) Towards the explanation of certain peculiarities of existential sentences in English. In *Linguistic Analysis*, 3, pp. 1-29 [Obra citada por Dobrovie-Sorin & Beyssade (2004)].
- Mondada, Lorenza (1999) Formes de séquentialité dans les courriels et les forums de discussion: Une approche conversationnelle de l'interaction sur Internet. In *Apprentissage des Langues et Systèmes d'Information et de communication* 2, pp 3-25. Disponível em <http://alsic.u-Strasbg.fr> [Acedido em Agosto de 2005].

- Oliveira, Fátima (1987) Cadeias anafóricas. Que referência? In *Revista da Faculdade de Letras. Línguas e Literaturas II (IV)*, pp. 125-135. Disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2553.pdf> [Acedido em Julho de 2008].
- Oliveira, Fátima (1996) Semântica. In Faria, Isabel Faria, Emília Pedro, Inês Duarte & Carlos Gouveia (orgs.), *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Caminho, pp. 333-379.
- Palmiere, Denise Telles (2005) “Chateando” com jovens e adolescentes: a construção da escrita na Internet por grupos de diferentes faixas etárias. In *Estudos Linguísticos XXXIV*, pp. 503-508. Disponível em <http://www.gel.org.br/4publica-estudos-2005/4publica-estudos-2005-pdfs/chateando-com-jovens-306.pdf?SQMSESSID=a38ffc79c82bcbe561e1c641326fd16c> [Acedido a 15 de Maio de 2008].
- Rodrigues, Isabel Galhano (2007) *O corpo e a fala – comunicação verbal e não-verbal na interação face a face*. Lisboa: FCG e FCT.
- Sáez, Júlia Sanmartin (2007) *El chat. La conversación tecnológica*. Madrid: Arco Libros.
- Silva, Cláudia (2006) – *Língua@chat.pt – A escrita telemática síncrona como elemento revelador de conhecimentos intuitivos dos falantes*. Dissertação de mestrado. Universidade do Porto.
- Vogué, Sarah de (2006) L'article un, la position sujet, et la relation avec le prédicat. In Francis Corblin, Sylvie Ferrando & Lucien Kupferman (dirs) *Indéfini et Prédication*. Paris: PUPS, pp. 265-278.
- Zuber, Richard (2006) Déterminants complexes et indéfinis. In Francis Corblin, Sylvie Ferrando & Lucien Kupferman (dirs) *Indéfini et Prédication*. Paris: PUPS, pp. 551-563.